

## HILST, AS BANDALHEIRAS, TRANSGRESSÃO LITERÁRIA E CRÍTICAS AO MERCADO EDITORIAL

### O obsceno lirismo da senhora Hilst: Transgressão como crítica ao mercado editorial

Yuri Benjamin Silva

**RESUMO:** Este artigo pretende abordar o período de escrita transgressora de Hilda Hilst, usando como base o texto “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, escrito em 1990, em que a autora narra a história de uma garota de 8 anos que se prostitui e conta as suas aventuras sexuais em um diário, em que o pai da criança é um escritor pouco reconhecido, e para ter reconhecimento literário, este é pressionado pelo seu amigo editor a escrever de forma pornográfica e banal para que obtenha reconhecimento. No final do livro, os pais de Lori ficam enojados com os relatos da garota escritos no diário, porém o editor amigo do pai da jovem se contenta com o diário, dizendo que era o ideal de narrativa pornográfica. Assim, o presente texto analisa a relação que o mercado editorial estabelece com o capitalismo a partir das críticas de Sodré (1988), Llosa (2012) e Diniz (2018), com a relação da escrita feminina com o mercado editorial a partir de Dalcastagnè (2007) e Lehmann (1975), a relação do complexo de vira-lata a partir de Rodrigues (1958), todos fazendo a ligação com características presentes no texto de Hilst, incluindo a entrevista de 1990 da TV Cultura depois do lançamento da obra “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, onde nossa poetiza faz observações pertinentes a respeito de seu próprio texto e sobre a vida do escritor na sociedade brasileira. Ou seja, o texto é dividido em duas partes: as relações capitalistas do mercado editorial para com a sociedade, e a postura machista do mercado editorial com a escrita de mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita feminina; lírica transgressora; *best-seller*; machismo no meio editorial; estereótipo do feminino segundo a indústria editorial.

## 1 INTRODUÇÃO

Hilda Hilst nasceu em 1930, em Jaú, no interior de São Paulo. Com influências do pai, também poeta, o escritor e jornalista Apolônio Hilst, Hilda entrou para os estudos de direito em 1948, onde conheceu sua futura melhor amiga, Lygia Fagundes Telles. Em 1950, Hilst escreve seu primeiro livro de poemas, “Presságio”, tendo uma recepção amistosa por Cecília Meireles e Jorge de Lima. Traçando sua trajetória na escrita de poemas, nossa autora se insere na escrita de narrativas, tendo traços bastante experimentais e irreverentes dentro da nova escrita brasileira. Neste trabalho, os temas a serem abordados serão: as críticas ao mercado editorial, a relação mercadológica deste tipo de mercado com a sociedade, criando a relação capitalismo – arte – sociedade, criando a partir disso, a problematização do conceito de *best-seller* e qual a diferença deste tipo de literatura para outros tipos de literatura. E outro tema a ser problematizado no decorrer do texto é a relação do machismo com a escrita feminina, criando uma

barreira na forma de expressão literária das mulheres, aparecendo a corrente de raciocínio mercado editorial-machismo-escrita feminina, mostrando não só a trajetória de Hilst, como a trajetória de outras escritoras mulheres que também sofreram preconceitos e tiveram barreiras dentro de sua carreira na escrita, mostrando evidências históricas da barreira das mulheres dentro da escrita feminina. Os objetivos do texto são: O início na trajetória da vida acadêmica voltada para a área de pesquisa, além de poder ter um escrito de uma das maiores escritoras da escrita contemporânea no Brasil. Mostrar a questão da emancipação do capitalismo e da alienação cultural por via da arte, gerando a acessibilidade para que outras pessoas tenham acesso à grande arte, podendo ser ela literária ou de outras esferas, mostrando também a riqueza que a cultura brasileira tem dentro de um território tão vasto como o Brasil, onde podemos dizer que temos Brasis, e não um único Brasil. E por fim, escrever em nome da representatividade feminina e mostrar que as mulheres devem sim ter igualdade na arte como forma de expressão, independentemente da área artística e mudar a história da escrita feminina, dando espaço para as novas formas de manifestação artística e quebrar a barreira do gênero.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Os primeiros tópicos a serem analisados no trabalho é a apresentação do texto *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, abordando de forma debochada e ácida, as críticas ao mercado editorial pelos olhos de uma criança de 8 anos que escreve em um diário o seu cotidiano sexual e o cotidiano de seu pai, que é um escritor com uma vasta obra, porém, sem reconhecimento do seu trabalho. No começo do texto, Lori conta sobre o desânimo do seu pai com a vida de escritor, em que sua transição de escrita partia da mais complexa para a mais banal, onde este se queixa dessa mudança, visto que a personagem tem uma vida intelectual movimentada, conforme podemos ver no trecho abaixo:

Eu já vi papi triste porque ninguém compra o que ele escreve. Ele estudou muito e ainda estuda muito, e outro dia ele brigou com o Lalau que é quem faz na máquina o livro dele, os livros dele, porque papai escreveu muitos livros mesmo, esses homens que fazem o livro da gente na máquina têm nome de editor, mas quando o Lalau não está aqui o papai chama o Lalau de cada nome que eu não posso falar. O Lalau falou pro papi: por que você não começa a escrever umas bananeiras pra variar? Acho que não é bananeira, é bandalheira. (Hilst, 1990, p. 15)

No trecho anterior, podemos ver a pressão feita por Lalau (o editor), com o pai de Lori em escrever “bandalheiras”, que seriam textos banais e pornográficos, visto que a sociedade tem o interesse por coisas pouco complexas, sendo uma das primeiras evidências às críticas ao mercado editorial dentro do texto. E pelo transcorrer do texto, o pai de Lori discute recorrentemente com sua esposa Cora e com Lalau, cujo tema das discussões parte de um novo conceito de escrita: a escrita obscena, para que este obtenha reconhecimento literário. Em continuidade ao artigo, é feita a análise do conceito de *best-seller* analisado por Sodré (1988), em que este aponta a finalidade mercadológica do *best-seller* com o objetivo de vender, isolando praticamente o intuito da arte, que   nos afastar da realidade superficial que nos rodeia, conforme   mostrado pelo autor no trecho abaixo:

Vimos que o *best-seller*, enquanto produto da literatura folhetinesca ou de massa,   resultado do processo de industrializa o mercantil e efeito da a o capitalista sobre a cultura, inscrevendo sempre, portanto, em sua produ o, as diretrizes ideológicas dominantes de interpela o e reconhecimento do sujeito humano. (Sodré, 1988, p. 70)

No trecho acima, Sodré afirma que o *best-seller*   uma réplica da realidade, esvaziando todo o potencial artístico da literatura, e mostrando toda a estrutura capitalista, massificada, folhetinesca e mercadológica que este tipo de literatura oferece às massas, fazendo com que os consumidores deste tipo de livro, não desfrutem da obra, e sim, consomem essa obra, movendo-os a comprar cada vez mais. E nessa mesma linha de raciocínio, aparece a discussão de qual a fun o da arte para o indivíduo, como um contraponto ao *best-seller*, e segundo coloca Llosa (2012), este aponta no trecho abaixo:

Tolstoi, Thomas Mann e ainda Joyce e Faulkner escreviam livros que pretendiam derrotar a morte, sobreviver a seus autores, continuar atraindo e fascinando leitores nos tempos futuros. As telenovelas brasileiras e os filmes de Hollywood, assim como os shows de Shakira, não pretendem durar mais que o tempo da apresenta o, desaparecendo para dar espaço a outros produtos igualmente bem-sucedidos e ef meros. Cultura   diversão, e o que não   divertido não   cultura. (Llosa, 2012, p. 27)

Ou seja, Mario Vargas Llosa aborda a imortalidade dos clássicos universais, colocando a literatura de Tolstoi, Thomas Mann, Joyce e Faulkner como autores que tocaram e seguem tocando leitores para além da época deles. Já a indústria cultural, segundo

colocado pelo autor, que são os filmes Hollywoodianos, telenovelas brasileiras e afins, são vistos como uma arte efêmera, tendo o intuito de tocar seus expectadores de forma momentânea, aparecendo em consonância com a linha de raciocínio de Sodré, onde o mercado passa a ocupar as funções da arte. Conforme afirma Iaconelli (2021) em seu posfácio *O Caderno Rosa de Hilda Hilst*, esta aponta a mesma conclusão de Llosa em relação ao papel da arte, em que esta tem a função de nos tocar e afastar da realidade, conforme apresentado no excerto abaixo:

Sim, queremos que o artista nos preencha a vida com o mínimo de reflexão possível, servindo como antídoto para qualquer risco de autocrítica ou de contato com nosso vazio existencial. (Iaconelli, 2021, p.71)

Segundo coloca Hilda na entrevista, a Lori Lamby foi uma “banana” para os editores, colocando Lori Lamby como uma “pornografia para crianças”, ou um “livro meninil”, em que é exposta a infantilidade diante da abominação que é imaginarmos uma criança narrando uma experiência pedofílica:

Eu tenho oito anos. Eu vou contar tudo do jeito que eu sei porque mamãe e papai me falaram para eu contar do jeito que eu sei. E depois eu falo do começo da história. Agora eu quero falar do moço que veio aqui e que mami me disse que não é tão moço, e então eu me deitei na minha caminha depois que eu comecei a fazer isso que eu vou contar. Eu deitei com a minha boneca e o homem que não é tão moço pediu para eu tirar a calcinha. Eu tirei. Aí ele pediu para eu abrir as perninhas e ficar deitada e eu fiquei. Então ele começou a passar a mão na minha coxa que é muito fofinha e gorda, e pediu que eu abrisse as perninhas. Eu gosto muito quando passam a mão na minha coxinha. Daí o homem disse pra eu ficar bem quietinha, que ele ia dar um beijo na minha coisinha. Ele começou a me lambe como o meu gato se lambe, bem devagarinho, e apertava gostoso o meu bumbum (Hilst, 1990, p.11)

Conforme apontamos anteriormente, Hilst teve o propósito de transgredir em sua escrita, e esta foi criticada por todos os lados, desde admiradores da sua escrita, críticos literários e até o grande público. Em contraponto, segundo aponta Pécora (2018), na introdução do livro *Fortuna Crítica de Hilda Hilst*, o autor coloca que Hilst após escrever *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, mas também a *Trilogia Obscena*, os escritos jornalísticos aumentaram significativamente, mas em contraproposta, os artigos acadêmicos diminuíram, conforme mostra no excerto abaixo:

“Entre 1990 e 1991 há um salto inédito nas matérias de jornal para 18 e 22 artigos, que se deve claramente ao lançamento da chamada trilogia pornográfica (Lori Lamby e Contos d’Escarnio, em 1990, Cartas de um sedutor, em 1991)”. (Diniz, 2018, p.10)

Conforme podemos observar no fragmento acima, se faz evidente a fala de Hilst de que ela queria ser lida, pois a movimentação do grande público se fez a partir do momento em que mais periódicos jornalísticos foram escritos, já que o interesse pelo banal é algo que cativa a sociedade.

Feita a conclusão da primeira parte, seguimos para a segunda parte sobre a relação machista do mercado editorial com a escrita feminina, em que Hilst aponta a seletividade do mercado editorial em dizer o que é transgressor ou não a partir do gênero. Assim, a poetiza na entrevista de 1990, coloca que as mulheres não podem escrever “pornografias”, e que isso era relevante somente para os homens escreverem, e que era aceito escritores como Jean Genet, D.H Lawrence e Henry Miller fazerem, ou seja, a escrita de “bandalheiras” deve ser feita somente por homens, logo há uma ideia seletiva de transgressão. E historicamente, vemos que as mulheres não tinham espaço para a expressão literária no meio editorial, fazendo com que as mulheres escrevessem anonimamente. E além disso, há a diferença dos tipos de personagens mulheres descritas nos textos de escritores e a diferença dos tipos de personagens mulheres descritas nos textos de escritoras, segundo colocado por Dalcastagnè (2007):

Há uma diferença significativa entre a produção das escritoras e dos escritores. Só como exemplo, em obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76% dos narradores. Para os autores homens, os números não passam de 32,1% de personagens femininas, com 13,8% dos protagonistas e 16% dos narradores. Fica claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas. (Dalcastagnè, 2007, p. 3)

Assim, podemos ver que há o contraste discrepante nos dois tipos de escrita em relação às personagens, onde também há a diferença entre os tipos de personagem nos textos, onde a mulher é colocada em uma imagem nuclear de personagem secundária para os escritores, e para as escritoras, a mulher é colocada como protagonista.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Devemos concluir que durante a escrita do artigo, apareceu a reflexão de que a literatura tem o propósito de nos libertar e nos afastar da complexidade e da dureza que a realidade nos rodeia. Fazendo com que se crie um acréscimo de beleza e mais reflexão para o mundo real, tendo o propósito com que nos emancipemos da realidade de forma mais lírica e acessando nossa subjetividade para resolver problemas, ou até mesmo criando outros repertórios culturais mais complexos, fugindo do padrão imposto pela sociedade, sendo pela área da literatura, música e afins. Fazendo com que se tenha uma fuga da indústria cultural, com uma estrutura efêmera e superficial em seu conteúdo. E a outra problemática é: de que todos devem ter acesso a esse tipo de grande arte, libertando-se intelectualmente das amarras do comum que o capitalismo nos impões, que por consequência, nos prende.

#### REFERÊNCIAS

- DALCASTAGNÈ, Regina. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**, Brasília, UnB, 2007.
- DINIZ, Cristiano. **Fortuna crítica de Hilda Hilst**. Campinas: Unicamp/IEL/ CEDAE, 2018.
- HILST, Hilda. **O caderno rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- HILST, Hilda. **Hilda Hilst TV Cultura**. [São Paulo]: TV Cultura, 1990. 1 vídeo (6 min).  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5yeFhO4G2OQ&t=59s>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- IACONELLI, Vera. **O caderno rosa-choque de Hilda Hilst**. Pp. 71 a 78. In: HILST, Hilda. O caderno rosa de Lori Lamby. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- SODRÉ, Muniz. **Best Seller: A literatura de mercado**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- LEHMANN, John. **Virginia Woolf**. Londres: Thames & Hudson, 1975.
- LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.